

de tempo ou de humor. O que quer que seja que determine essa reação, ou falta de reação situa-se além da consciência e é preocupação da psicologia, não da arte.

Alguns seres sacros parecem ser sagrados para todas as imaginações em todas as épocas. Por exemplo, a lua, fogo, cobras e aqueles quatro importantes seres que só se pode definir em termos do não ser - a escuridão, o silêncio, o nada e a morte. Alguns, como reis, são sagrados apenas para os que pertencem a uma dada cultura; alguns apenas para os membros de um determinado grupo social - a língua latina entre os humanistas; e alguns, a uma única imaginação. Muitos de nós temos paisagens sagradas que provalvemente têm entre si muito em comum, mas certamente existirão detalhes peculiares a cada uma. A imaginação pode adquirir novos seres sagrados e perder antigos para o profano. Os seres sacros podem ser adquiridos por contágio social, mas inconscientemente. Não se pode ensinar alguém a reconhecer um ser sagrado, a pessoa tem de se converter. Em regra, com a idade, talvez, os eventos sagrados passam a ter mais importância que os seres sagrados.

O ser sagrado também pode ser um objeto de desejo, mas a imaginação não o deseja. Um desejo pode ser um ser sagrado, mas a imaginação não tem desejo. Na presença do sacro, ela se esquece de si; na sua ausência, torna-se o próprio

profano, "a menos poética de todas as criaturas de Deus". (42) Um ser sagrado pode também exigir ser amado ou obedecido, recompensar ou punir, mas a imaginação não se afeta; o ser sagrado pode ser uma lei, mas a imaginação não obedece. Para ela, o ser sacro é auto-suficiente e, como o Deus de Aristóteles, pode não necessitar de amigos.

A imaginação secundária tem outro caráter e pertence a outro plano mental. É ativa, não passiva, e suas categorias não são o sacro e o profano, mas o belo e o feio. Nossos sonhos são plenos de seres e eventos sacros - de fato, é bem possível que não contenham outra coisa, mas nos sonhos não podemos distinguir - ou assim me parece, embora possa estar errado - entre bonito e feio. Beleza e feiúra pertencem à forma, não ao ser. A imaginação primária reconhece apenas um tipo de ser, o sacro, mas a imaginação secundária reconhece ambas as formas, a bonita e a feia. Para a primária, o ser sagrado é o que é. Para a secundária, a forma bonita é como ela deveria ser, e a feia, como não deveria ser. Observando o belo, ela sente satisfação, prazer, ausência de conflito; observando o feio, sensações contrárias. Não deseja o belo, mas a forma feia desperta nela desejo de que sua feiúra seja corrigida e tornada bonita. Não adora o belo, aprova-o, e pode dar razões para sua aprovação. Pode-se dizer que a imaginação secundária tem uma natureza burguesa. Aprova a regularidade, a simetria espacial, a lei e a ordem;